

7.01.99 - Filosofia

O ISOLAMENTO E A SOLIDÃO COMO PROCEDIMENTO TERAPÊUTICO EM ROUSSEAU SOB A PERSPECTIVA DA MEDICINA ANTIGA

Caique Nakayama Guimarães¹, Maria Constança Peres Pissarra²

1. Estudante da Faculdade Filosofia, Comunicação, Letras e Artes (FAFICLA) da PUC-SP

2. Professora da FAFICLA - Departamento de Filosofia

Resumo

Compreender a unidade presente na totalidade das obras do autor genebrino Jean-Jacques Rousseau torna necessária a convergência de seus conceitos expressos em sua filosofia com os apresentados em seus textos conhecidos como autobiográficos. Disso se segue uma peculiaridade do próprio autor em sua individualidade como um ser no mundo: sua ação e sua filosofia não se contradizem. Com isso, estudar o conceito de solidão que permeia sua vida pessoal e buscar sua correlação com o seu sistema filosófico foi o foco deste trabalho e, também, mostrar uma possível interpretação da condição de vida solitária a partir da medicina antiga dos textos do *Corpus Hippocraticum*. Para tal foi preciso demonstrar a concepção de mundo entendida por Rousseau e a relação com sua antropologia para que, enfim, possamos tomar o personagem Jean-Jacques Rousseau como objeto de estudo da condição de vida solitária através de seus próprios conceitos.

Palavras-chave: EXISTÊNCIA; MORAL; HIPÓCRATES.

Apoio financeiro: CNPq

Trabalho selecionado para a JNIC: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Introdução

O século XVIII é conhecido como século das Luzes e a França será o maior representante deste movimento que enaltece os ideais do progresso, da racionalidade, da ciência. “O século XVIII não é social, é sociável” diz o historiador Georges Minois, quer dizer que habitar os salões, parlamentos, academias são cruciais para o círculo aristocrático tomar decisões, discutirem, tomarem decisões ou se posicionarem politicamente. Com isso, àquele que escolhe não participar e vive de modo recluso fora deste grupo é tomado como um misantropo.

É neste contexto que o autor genebrino Jean-Jacques Rousseau defende seu modo de vida solitário e rebate críticas como a de ser um misantropo ou que a vida no campo o faz um homem inútil. São nas *Quatro Cartas ao Senhor Presidente de Malesherbes*, escritas em janeiro de 1762 que o autor faz esta defesa e a define da seguinte maneira: “Foi-me demonstrado pela experiência que o estado em que me encontro é o único que o homem pode ser bom e feliz, pois é o mais independente de todos e o único em que jamais nos encontramos na necessidade de prejudicar os outros para nossa própria vantagem” (ROUSSEAU, 2005, p. 25-6)

O presente trabalho é se fez pena análise dos argumentos contidos nas Cartas a Malesherbes e entendelos em conjunto com o sistema de pensamento do genebrino principalmente em seu Discurso sobre a desigualdade e a Profissão de Fé do Vigário de Sabóia, os quais nos fornecem uma conceituação sobre o que é a bondade para o autor. Por fim, pretendo interpretar sua filosofia segundo às concepções hipocráticas para sustentar a solidão como um processo terapêutico.

Metodologia

Descreva como o trabalho foi realizado (procedimentos/estratégias; os sujeitos/participantes/documentos; equipamentos/ambientes; etc). Limite 3.000 caracteres com espaços. Ex.:

A metodologia utilizada para a realização da pesquisa foi a leitura atenta, rigorosa, sistemática dos textos fundamentais para a discussão do tema. A leitura consistiu na busca da estrutura argumentativa das obras de Jean-Jacques Rousseau e na correlação de conceitos entre sua filosofia e a as concepções da medicina antiga hipocrática, utilizando os escritos mais antigos do *Corpus Hippocraticum* para ter maior segurança sobre o pensamento de Hipócrates.

Foi preciso, também, avaliar o contexto histórico do autor genebrino. Correlacionar seu posicionamento filosófico frente aos autores com os quais ele se debatia no campo da moral, antropologia, história e epistemologia. De certo, foi-se demarcado precisamente os pontos em que concorda e discorda de René Descartes para uma concepção de um mundo ordenado; o conceito de natureza presente na filosofia de Thomas Hobbes, bem como a noção de propriedade em John Locke.

Por fim, reconhecer a tradição da literatura crítica de Rousseau foi crucial para o desenvolvimento da pesquisa. Jean Starobinski e Ernest Cassirer são intérpretes que fornecem os pressupostos necessários para compreender a similitude entre as obras autobiográficas do autor e de sua filosofia, possibilitando interpretar a solidão como conceito filosófico.

Resultados e Discussão

A concepção mecanicista de universo que compreende o mundo muito bem ordenado e que sua harmonia é estabelecida por leis gerais a todos os corpos, defendida por Descartes e disseminada em seu século e perpetuada até o séc. XVIII abre o espaço para uma nova problemática: o homem teria sua ação motivada por essas leis? Quer dizer, há liberdade ou somos conduzidos por uma necessidade natural?

A Profissão de Fé do Vigário de Sabóia, do livro IV do Emílio de Rousseau fundamenta, partindo da percepção sensível, algumas leis universais indubitáveis e que dará uma resposta a condição de liberdade humana: o primeiro artigo de fé sustenta que há uma vontade que anima os corpos ativos, ou seja, aqueles que possuem movimentos próprios; o segundo artigo de fé percebe que a direção dos corpos ativos segue uma vontade inteligente e constante, isto é, de leis, e que se a entidade que fornece uma regularidade no movimento essa entidade também é inteligente, isto é, Deus; por fim, o terceiro artigo de fé se apropria de um objeto menos geral que a totalidade dos corpos mas, em específico, da ação do homem que, não sendo puramente instintivo, seria este o único corpo com ação livre. É neste contexto que o ser humano se insere: como uma peça no sistema ordenado da natureza regido por leis, será o único ser com princípio ativo livre e capaz de negar até mesmo a natureza, como é expresso no *Discurso sobre a Desigualdade*.

É neste Discurso que o autor traça o trajeto hipotético processo histórico do homem que parte de um estado de natureza até a vida em sociedade. É partindo de uma condição de vida pertencente ao mecanismo da natureza e tendo a piedade e o amor de si que o conduziram no mundo, ultrapassando os obstáculos da natureza por meio da sua perfectibilidade que o homem natural estaria vivendo: é uma condição que segue a ordem natural, em que há uma identidade entre o que ele é e como ele se comporta no mundo, agindo de imediato e, assim, se entende o conceito do bom selvagem, é pois, aquele que está de acordo com a natureza visto que ela mesma contém o Bem.

Tendo aos poucos formado os primeiros grupos, com a invenção da propriedade privada surge uma ruptura do espaço natural com um artificial, a partir desta criação a primeira reação foi de conflito e àqueles que tivessem força poderiam defender sua propriedade privada. O contrato social, fundador a sociedade, teria a finalidade de acabar com os conflitos retirando a força do usurpador e atribuindo a lei a defesa da propriedade privada e, assim, a estrutura da sociedade é o direito do mais forte tornado lei. A consequência do ponto de vista moral é uma cisão do homem e sua condição de harmonia com a natureza e àquelas virtudes de piedade e amor de si são trocadas pelo amor-próprio, que será base para a inveja, o ciúme, o egoísmo, possibilitados pela existência do homem em um mundo de desigualdade: é esta a argumentação feita pelo autor para sustentar a origem a maldade, que ela não é natural, mas social.

Um processo semelhante acontece na descrição feita por Rousseau de sua infância em suas *Confissões*. Partindo da concepção de Jean Starobinski de que não é possível dissociar os conceitos da obra de Rousseau e a sua vida podemos traçar um paralelo desse processo que aparece de forma semelhante da passagem da bondade à maldade nas *Confissões*. Afirma que em sua infância nunca teve uma intencionalidade de praticar o mal, não só ele, mas todas as crianças agem de acordo com a natureza até que tenham o contato com a superficialidade da sociedade; no caso de Rousseau, temos o caso de sua tia ter encontrado um pente quebrado e ter atribuído a culpa à criança. Essa primeira injustiça tem uma consequência crucial, de que “o malefício da aparência, a ruptura entre as consciências põe fim à unidade feliz do mundo infantil” (STAROBINSKI, 2011, p. 20).

Nos dois casos temos um sujeito que em sua essência possui suas qualidades naturais em condição de atuar por ela de forma plena e, por isso, é bom; por outro lado, um véu revestirá esta essência em sociedade, quer dizer, a sobreposição da aparência à essência torna o homem corrompido de maneira que sua natureza ainda presente é sufocada. O antagonismo entre felicidade e tristeza, liberdade e escravidão, bondade e maldade, vida e morte, se enquadra neste cenário de uma luta da modificação de uma existência que sufoca as paixões naturais (piedade e amor de si) em troca das instituições que regulam e formam um sujeito que não se encontra em si mesmo e que se torna agente das maldades (amor-próprio).

Medicina antiga

O Corpus Hippocraticum reúne cerca de 60 tratados escritos entre IV a.C e V d.C, todos referidos ao nome de Hipócrates de Cós.

São reconhecidos como os primeiros médicos da história pelo fato de defenderem a medicina como uma *techné* e sua arte procede segundo uma metodologia. Primeiro apresenta o porquê da doença (*to dioti*), isto é, seu diagnóstico; depois o seu prognóstico, informando como se procede a situação do enfermo; por último, fornece uma terapêutica.

Para ser possível aplicar tal metodologia os médicos se serviam de um entendimento fisiológico do homem conhecido como teoria humoral. A exemplo disso temos a explicação do autor da obra *Da natureza do homem*:

“O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e negra” e, em seguida, define a concepção hipocrática de doença e de saúde, “tem saúde, precisamente, quando estes humores são harmônicos em proporção, em propriedade e em quantidade, e sobretudo quando são misturados. O homem adoece quando há falta ou excesso de um desses humores, ou quando ele se separa no corpo e não os une aos demais” (HIPOCRATES, 2005, p. 43).

Assim, o ser humano que está contido no mundo é modificado principalmente pelo clima e a mistura (krásis) desses humores variam. A saúde é uma mistura em que nenhum dos componentes internos sobrepõe um sobre o outro, é uma harmonia interna, portanto, a saúde é a isonomia dos humores. A doença obedece ao princípio da discrasia, no qual haverá um desequilíbrio interno em que um dos humores irá se sobrepor a outro.

Conclusões

Se traçarmos um paralelo das concepções médicas e da relação saúde-doença presentes na medicina antiga com a ideia rousseauiana de natureza-sociedade como dois modos de existência vinculando o primeiro à virtude e o segundo aos vícios é possível interpretar luz dos hipocráticos um entendimento de uma existência doente que se institui no âmbito das relações e de uma moralidade que se contrapõe à uma existência saudável das paixões naturais. A bondade natural pautada na ordenação da natureza e, por isso, ligada à ideia de isonomia é sufocada pela aparência, desequilibrando a relação do homem consigo mesmo e, assim, o homem social é doente porque está em condição de discrasia.

A filosofia do autor, todavia, não nos faz cair em um pessimismo, sustentando que não haveria uma maneira de agir conforme a natureza. É pela consciência, àquela que consulta nossas paixões naturais, que se deve tomar como guia de ação. Entretanto, encontramos duas problemáticas para a consciência em sociedade. A primeira é que, mesmo no campo individual o autor consiga fazer o uso correto da racionalidade, àqueles que o cercam ainda são agentes patológicos presentes em seu convívio e, portanto, o anseio pela solidão se faz valer quando se percebe que estes indivíduos tendem a bloquear ou reprimir conforme normas morais e instituídas pela cultura a ação pela consciência, temos exemplo disso o grande apreço pelo luxo e formalidades recorrentes na vida da corte e aristocracia francesa. Há, também, um segundo empecilho para a própria ação da consciência em um mundo enfermo pois, é mais conveniente se adequar à totalidade dos vícios que ao agir por virtude ser condenado por seus contemporâneos. Dessa maneira, Rousseau diagnostica a causa das maldades e da sua motivação para decidir viver uma vida solitária: “Depois de ter descoberto ou acreditado descobrir nas opiniões falsas dos homens a fonte de suas misérias e de sua maldade, senti que somente essas opiniões podiam tornar-me infeliz, e que meus males e meus vícios provinham bem mais de minha situação do que de mim mesmo” (ROUSSEAU, 2005, p. 25)

Retomando a primeira citação em que Rousseau diz que a solidão era o único estado em que ele poderia ser bom e feliz, pois não haveria necessidade de cometer injustiças, conseguimos apontar o conceito de solidão pertencente à sua filosofia como um contraposto ao modo de vida social. O campo da natureza que sempre será visto como um opositor à sociedade é, na verdade, a base para denotar maneiras de existência no mundo: àquele que tem o espaço em que o homem se insere no qual a propriedade é instituída e a desigualdade legalizada fornece no âmbito das relações a determinação do agir pelo amor próprio; frente à isso, o debate expresso por Rousseau sobre seu isolamento e sua solidão fundamenta um espaço novo de relações criado pelo homem que, dentro do que é possível individualmente, extirpa do convívio os agentes causadores da maldade para conseguir um vínculo com àqueles em que é possível agir pela consciência.

Solidão e Sociedade são, assim, dentro do campo da vida social duas modalidades de condição de existência no qual o sujeito pode decidir habitar e que a natureza não se perde, mas está no pano de fundo destas existências incidindo para o primeiro a condição de bondade através da isonomia, e a tensão interna no segundo pela discrasia de sua condição.

Referências bibliográficas

- CAIRUS, HF., RIBEIRO JR. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.
- MINOIS, Georges. *Historie de la solitude et des solitaires*. Paris: Fayard, 2015.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

- ___ . Emílio ou Da Educação. São Paulo: Edipro, 2017.
- ___ . Confissões. Bauru: Edipro, 2008.
- ___ . Quatro cartas ao Senhor Presidente de Malesherbes. In: José Oscar de Almeida Marques (Org). Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a Religião e a Moral. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- STAROBINSKI, Jean. Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.